

Gregory E. Jackson Jr.¹

*O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas do Rio de Janeiro,*² de Bernardo Borges Buarque de Hollanda³

A inovadora tese de doutorado transformada neste extenso volume é essencial a especialistas de toda a área de Ciências Sociais em busca de uma melhor compreensão do movimento e do consumo de ideologia, da formação de identidade e do papel da cultura de massa na sociedade moderna ocidental. Tomando emprestado a ideia de Arthur Schopenhauer de vontade como representação, esse trabalho enfatiza o papel do futebol na consolidação do Estado brasileiro, assim como a subjetividade do futebol como metáfora de raiz de brasilidade num país em marcha em direção ao desenvolvimento no século XX. O livro é organizado tematicamente a partir de três eixos analíticos: a experiência individual com torcidas organizadas; o papel do jornalismo esportivo como exemplo da esfera pública habermasiana; e, por fim, o produto das interações entre o indivíduo e a mídia. A interação entre o indivíduo e a mídia resulta na formação de um escorregadio sistema de éticas e morais que tanto contradizia quanto afirmava formas ideais de práticas de torcer brasileiras. Central à polêmica sobre a definição das maneiras apropriadas de torcer está a questão das práticas de

¹ Doutorando em História na Stony Brook University, Estados Unidos, onde também leciona. Seu projeto de pesquisa intitula-se *Diamonds in the Rough: Football and Social Change in Brazil, 1933-1958*.

² Tradução de Ângela Maria Araújo.

³ HOLLANDA, B. B. B. de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010. 590 p. ISBN: 978-85-7577-580-6].

torcer agindo como lugar retentor de ideais de cidadania nas mentes tanto de torcedores quanto de jornalistas e agentes do governo regulando a cultura de massa.

O principal argumento utilizado no livro alicerça-se e amplia o estudo de uma geração de cientistas sociais brasileiros no qual, entre as décadas de 1930 e 1980, o futebol no Brasil estava no centro de uma complexa série de interações sociais entre brasileiros de todas as classes sociais em volta do sentido de torcida, identidade racial e cultura nacional. O que faz o livro fascinante é a maestria com que o autor incorpora fontes primárias à narrativa, como cartas de torcedores e jornalistas esportivos, para demonstrar quão profundamente os torcedores eram cativados não somente pelo esporte dentro de campo, mas também pelos debates cotidianos, que vendiam jornais e os enfureciam. Cada um deles contribuía para interpretações do futebol como produto cultural. Hollanda lida com o complexo problema de recepção ideológica entre os torcedores de futebol, público alvo, ao analisar a maneira com que os chefes de torcidas interpretavam práticas “apropriadas” de torcer estando imersos num esporádico sistema de controle que lembrava as redes corporativistas presentes na sociedade brasileira durante aquele período. Futebol como espetáculo de massas tornou-se objeto de foco a vários agentes-chave da sociedade brasileira: a polícia, que patrulhava os estádios; os jornalistas, cujas interpretações de modelo de torcida apareciam nas colunas esportivas; e ministros do Estado, preocupados com a cultura nacional e educação.

Na primeira parte do livro, a análise de Hollanda fixa-se no micronível. Ele analisa entrevistas, editoriais e cartas pessoais de uma série de atores apresentando um cruzamento de grupos e indivíduos engajados com a cultura futebolística entre as décadas de 1930 e 1980. A forma com que o autor trata as interações entre a polícia, as torcidas organizadas e os jornalistas esportivos na produção de campeonatos de torcidas é crucial para a compreensão de como as práticas de torcer se tornaram metáfora de cidadania cultural e política no Brasil durante a era Vargas e na ditadura pós-golpe de 1964. A identificação dos chefes de torcida como forma de controle das práticas dentro dos estádios também é crucial para essa compreensão. As práticas de torcer podem ser vistas como analogia de uma crescente noção de cidadania durante o Estado Novo e exemplo de quais valores

cidadãos/torcedores deviam buscar. Lealdade e autossacrifício eram temas centrais nos debates entre jornalistas de todas as origens. A “invenção” de cultura nacional, assim como o exercício de um determinado tipo de cidadania condizente com as necessidades das classes governantes contribuíram para que a torcida futebolística se tornasse prática no Brasil, servindo como uma eficaz estratégia para lidar com os singulares obstáculos enfrentados pelo governo na construção do Estado no século XX. Mediante uma leitura cuidadosa dos jornais esportivos paulistas e cariocas, a *Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports*, justapostos aos jornais diários regulares do período, Hollanda habilmente desconstrói os complexos processos em operação que moldavam o consumo literário e a interpretação de modernidade por parte dos leitores.

O trabalho de Hollanda dá vida a um eclético grupo de torcedores, escritores, chefes de torcidas, assim como a diretores de clubes de futebol e ministros do governo. Descrições detalhadas das razões e preocupações expressas por esses vários agrupamentos de atores, referentes ao seu engajamento com o esporte como um crescente espetáculo de massas, fornecem ao leitor um forte senso de como cada um interpretou, negociou, rejeitou ou reproduziu valores e práticas centrais ao esporte enquanto esse crescia em importância e como símbolo da cultura brasileira e seu potencial. Nesses três primeiros capítulos, Hollanda organiza sua análise em volta da dialética entre a percepção dos torcedores de sua própria individualidade e de seu engajamento com o universo social mais abrangente. Usando técnicas analíticas emprestadas da Escola de Frankfurt, o autor ilustra como valores e práticas eram negociadas em espaços-chave, como as arquibancadas dos estádios e os diários esportivos, que apenas recentemente se tornaram foco de estudo de cientistas sociais. Tal abordagem fornece aos pesquisadores uma maneira de lidar com a questão da confecção de “nova história”, que demanda a análise de novos tipos de problemas, novos objetos de estudo e novas abordagens para elucidar seus significados.

Na segunda parte do trabalho, também organizada em três capítulos, o autor estende sua análise a um estudo mais focado do *Jornal dos Sports* (JS), periódico esportivo carioca comprado por Mário Rodrigues Filho em 1936. Ao fazer uma cronologia do início da carreira e da vida pessoal de Mário Filho, Hollanda

analisa o que o inspirou a fazer mudanças estilísticas em seu jornal, aumentando assim o número de leitores. O jornalista escrevia artigos passionais a respeito de futebol e ética, disseminando uma visão freyreana de cultura brasileira, à qual era simpático. Ao convidar o leitor a ver a produção do jornalismo esportivo como um exemplo contemporâneo de drama e tragédia modernos, o autor retrata o universo cultural do futebol brasileiro como uma potente ferramenta de disseminação ideológica. Em vez de simplesmente indicar o futebol moderno como mais um exemplo de “*panem et circenses*” ou “*opiate of the masses*”, que pouco esclarecem o comportamento humano inserido nas engrenagens modernas de cultura de massa do século XX, Hollanda demonstra o processo histórico de como o jornalismo esportivo sintonizava-se com o projeto estatal de construção de um novo Brasil. Ao mostrar como tal projeto se desenrolou no Rio de Janeiro, o trabalho de Hollanda parece rejeitar as conclusões tiradas pelas gerações anteriores de cientistas sociais, que permaneceram céticos quanto à eficácia do esporte como um modo viável de transmitir os valores almejados pelos países da América Latina em busca da construção de nação, ao estender sua análise às vastas redes que constituem a cultura futebolística, em vez de focar-se apenas nas práticas dentro dos estádios. A segunda parte do livro desenvolve a relação entre a etimologia do léxico esportivo e suas numerosas interpretações feitas pelos atores envolvidos na constituição da cultura esportiva carioca e nacional durante os anos de formação do jornalismo esportivo. Escritores como Mário Filho, Nelson Rodrigues, Vargas Netto e outros elaboravam suas colunas elogiando as interpretações dominantes na sociedade brasileira, que eram articuladas tanto pela academia quanto pelo Estado; ou seja, o trabalho de Gilberto Freyre e dos ministros da cultura do Estado Novo.

Nos três capítulos finais, Hollanda faz um argumento singular de que ao final da década de 1960 a onda da cultura jovem internacional ou poder jovem já tinha se materializado no Brasil na forma de Torcidas Jovem. O autor interpreta a fundação das Torcidas Jovem, constituídas majoritariamente por rapazes durante a ditadura pós-1964, como consequência de tais governos autoritários, dos limitados fóruns para autorrepresentação, resistência, democratização e rejeição de preconceitos de classe. As novas interpretações das Torcidas Jovem sobre práticas “autênticas” de torcer dissonavam das tradicionais Torcidas

Organizadas afiliadas aos grandes clubes do Rio de Janeiro. Torcidas como a Charanga, composta por fãs do legendário Clube de Regatas do Flamengo, liderado pelo carismático Jaime de Carvalho, tinham frequentemente sido o assunto de artigos moralizadores de Mário Filho e outros jornalistas esportivos, moldando práticas de torcer. Hollanda entende essas novas interpretações de práticas de torcer e o crescimento das Torcidas Jovem nos anos 1960 como um exemplo de contracultura e resistência política que haviam sido negligenciados nos estudos anteriores. Assim, o *habitus* dos torcedores tornou-se o novo foco das práticas de estádio. Descrições de práticas de torcer e definições sobre o papel das torcidas proporcionavam oportunidades aos torcedores e jornalistas para negociar o significado de cidadania e cultura nacional, buscando articular o universo moral que entendiam por meio de suas experiências com o esporte.

Talvez a pesquisa biográfica conduzida sobre figuras de ponta, cujos relacionamentos pessoais cotidianos levaram o esporte nacional a refletir sobre suas próprias preferências de classe, valores e aspirações, seja a maior contribuição que este livro faz aos interessados no estudo do futebol e sociedade no Brasil. Futebol no Brasil era assunto de política pública. Autoridades esportivas nos níveis estaduais e nacional, jornalistas e diretores de clubes frequentemente rompiam a linha entre o público e o privado. O que faz a análise de Hollanda sobre esses atores fascinante é como ele demonstra com qual facilidade e fluidez a plutocracia esportiva carioca imbricava seus interesses pessoais ao produto organizacional e literário representando o esporte. Tal perspectiva complica a noção de imposição ideológica estatal de cima para baixo, na forma do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e de outros órgãos de censura, e abre para interpretações de indivíduos na esfera privada do futebol agindo como importantes ideólogos que poderiam contribuir com os esforços da propaganda estatal na criação conjunta de sua própria imagem de Brasil. Mas na década de 1960 essa imagem estava em desacordo com a nova geração de torcedores de futebol e cidadãos que, mediante seu rompimento com os moldes tradicionais de práticas de torcer, apresentava desafios que não podiam ser ignorados pela velha guarda.

Na conclusão deste trabalho, a cronologia temática ajuda o leitor a concretamente identificar as várias formas em que o

futebol brasileiro teve papel fundamental na reforma de normas sociais, individuais e práticas grupais, assim como serviu como um ponto temático de referência para uma mais inclusiva narrativa nacional enraizada tanto na história mítica quanto na real. Hollanda expõe uma abordagem multidisciplinar para desemaranhar novos significados de influentes trabalhos como *O negro no futebol brasileiro* e fornece lúcidas interpretações sobre a violência de torcida, ligando sua discussão ao debate internacional sobre o tema. O trabalho usa estrategicamente fontes de difícil acesso, compiladas principalmente de teses de mestrado e doutorado escritas no último quarto do século. A exaustiva pesquisa dessas fontes é complementada pelo engajamento do autor com crucial teoria social de clássica das Ciências Sociais. Tal empenho concede novas interpretações sobre o significado da cultura de massa e dos esportes nas sociedades pós-industriais. Hollanda corretamente posiciona o estudo de futebol como um campo essencial de investigação a todos os cientistas sociais interessados no Brasil moderno e sua relação com a mídia de massa.